



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ainda é cedo para cravar quem ganha o Oscar de 2025, embora alguns títulos (tipo “Conclave”, “O Quarto Ao Lado”, “Sing Sing” e o brasileiroíssimo “Ainda Estou Aqui”) já despontem entre as potenciais apostas para o prêmio hollywoodiano, o que levou o Festival do Rio (sabidamente) a incluir entre suas atrações um dos títulos mais esperados desta safra de potenciais premiáveis: “Todo Tempo Que Temos” (“We Live In Time”).

Sabe aquele tipo de produção que faz a gente suspirar? Pois então, o longa-metragem do aclamado diretor teatral e sazonal cineasta irlandês John Crowley (de “Brooklyn”) é desses. Tem sessão dele nesta quarta (9), às 19h30 no Odeon, com mais uma dose na sexta, às 21h15, no Kinoplex São Luiz, e no domingo, às 17h, no Net Gávea 5. Exibido no encerramento do Festival de San Sebastián, no dia 28 de setembro, esse drama romântico é daquelas narrativas fofas (tipo “P.S.: Eu Tô Amo” ou “Um Lugar Chamado Notting Hill”) que arrastam multidões às salas.

A produção é assinada por Benedict Cumberbatch (o Doutor Estranho da Marvel) e renova uma



Divulgação

A estética da fofura

‘Todo o Tempo Que Temos’ é uma ode à tradição das histórias de amor inglesas dos anos 1940, 50 e 60

O drama de amor ‘Todo Tempo Que Temos’ estreia no Odeon cavando adesão popular em sua carreira para o Oscar, com atuações primorosas de Florence Pugh e Andrew Garfield

tradição outrora muito perseguida pelo audiovisual inglês – vide “Descanto”, de David Lean. A patrulha do politicamente correto vai se irritar, e muito, com a representação crua, sem estilização, da nudez, aplicada a seu par estrelas.

Há um ethos nesse filme mais

próximo do cinema popular praticado nos anos 1940 – tanto o hollywoodiano quanto o britânico – do que do comportamento dos anos 2020. Temos um engenheiro de computação, Tobias (Andrew Garfield, sublime em cena), que quer viver agarradinho com sua

paixão e ter filhos, de modo a repetir o pretérito perfeito que viu seu pai experimentar. Temos também uma chef um tanto cética, Almut (Florence Pugh, em seu desempenho mais sinuoso e mais tocante), que não se deixa amolecer por qualquer carinho, mas acaba arrebatada

pelo jeitão bom moço de Tobias.

Há incongruências entre eles, fato que há. Não esqueçam da máxima do dramaturgo Jean Anouilh: “Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga”. Apesar de ruídos aqui e ali, principalmente alguns envolvendo o desejo dela de não ser mãe, forma-se uma covalência da mais alta plenitude entre eles. Só que esse par vai formar um triângulo com um ente nada bem-vindo: um câncer de ovário.

O que acompanhamos ao longo de uma hora e 47 minutos de uma montagem não linear, que volta no tempo aqui e avança nele acolá, é uma batalha épica, travada em dupla, não só contra uma doença terminal, mas contra o relógio.

“Não usaria o termo ‘heroico’ para definir a postura deles, mas entendo que as pessoas encarem assim, uma vez que se trava uma batalha pela vida. O ponto é que pessoas que enfrentam doenças terminais não se enxergam como heróis, buscando apenas abraçar as chances que têm de seguir na Terra”, disse Garfield ao Correio da Manhã em resposta na coletiva de imprensa do filme em San Sebastián.

O ex-Homem-Aranha tem uma atuação primorosa ao lado de Florence e disparam entre os potenciais candidatos à estatueta hollywoodiana, assim como Crowley vê seu prestígio no audiovisual crescer. “A única perspectiva que funciona dramaturgicamente num contexto de dor como este é alternância entre o romantismo e o lirismo”, disse o diretor ao Correio em San Sebastián. “É um filme sobre os mistérios do querer”.

Da lama ao caos

Um dos principais achados de Gramado, lá em agosto, “Filhos Do Manguê”, da respeitada diretora Eliane Caffé (“Narradores de Javé”), pede passagem pelo Festival do Rio na noite desta quarta-feira (9), em sessão hors-concours. Tem projeção dele às 20h45, no Estação NET Gávea, com repetaco na quinta, às 16h, no Estação NET Rio.

A produção conquistou o Kikito de Melhor Direção em telas gramadenses. Caffé filmou no Rio Grande do Norte, com roteiro de seu colaborador mais habitual, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, autor de “Lima Barreto ao Terceiro Dia”.

Aqui a dupla prosaia com a literatura de Sérgio Prado, no

romance “O Capitão”. Na trama, Pedro Chão (Felipe Camargo, em vigorosa atuação) é um homem desprovido de qualquer caráter, um sujeito individualista e desregrado, que aparece ferido e sem memória em sua comunidade ribeirinha. O povo o acusa de roubo e tenta, em vão, que ele recupere a memória e devolva o dinheiro. (R.F.)



Divulgação

Felipe Camargo tem atuação primorosa nesta adaptação do romance de Sérgio Prado